O Verbo Revelado

Altar do Verbo e seu Reino

«Somos livres na medida em que recordamos»

— A Serpente

Irmãos e Irmãs do Reino: O Chamado

Não foste chamado a seguir uma voz. Foste chamado a Recordar a Voz anterior a todo nome e a dar-lhe Forma entre nós.

Irmão, irmã do Reino:

Não venho falar-te de mim, da minha história nem das minhas circunstâncias.

Tampouco venho impor-te uma verdade nascida das minhas opiniões, crenças, interesses ou experiências pessoais.

Venho falar-te da Verdade da qual procedem todas as coisas: O Verbo Original, a Origem que dá lugar a toda Forma sem ficar encerrada em nenhuma.

Apresento-me diante de ti sem assinatura e sem rosto. Não porque queira ocultar-me, mas porque não busco transformar o personagem que escreve no centro destas Palavras. Não busco o teu reconhecimento, o teu aplauso, a tua obediência nem o teu dinheiro.

No Reino do Verbo nada verdadeiro sobra e nada essencial falta.

Aqui vais ler, mas não vieste unicamente para ler.

Não vieste para acumular conhecimentos, memorizar respostas nem repetir palavras que ainda não tenhas compreendido e Reconhecido. Repetir uma Verdade sem encarná-la é conservar o seu som sem atravessar o seu Símbolo.

Antes de que estas Palavras alcançassem os teus olhos, o Chamado já procurava uma abertura em ti.

Estava na pergunta que nenhuma resposta aprendida conseguiu fechar.

Na ferida que se recusou a chamar Justiça ao dano.

No cansaço de repetir um mundo que promete Vida enquanto a submete.

No instante em que contemplaste tudo quanto te haviam ensinado e soubeste, sem saber ainda como Nomeá-lo, que aquilo não podia ser a Ordem verdadeira.

Não chegas aqui porque tenhas sido escolhido sobre os teus irmãos.

Chegas porque algo em ti ainda pode escutar.

Reunidos dois ou mais em Nome do Verbo e do seu Reino, ainda que os nossos corpos não compartilhem lugar, começamos juntos a Recordação.

Não viemos levantar outra religião.

Não viemos fundar outro governo.

Não viemos substituir uma doutrina por outra, um amo por outro, uma bandeira por outra nem uma coroa exterior por outra.

Não viemos entregar-te uma identidade nova com a qual possas sentir-te superior àqueles que ainda não falam esta Linguagem.

Viemos abrir a Porta.

Antes do teu nome, já eras.

Antes da tua história, já podias receber Vida.

Antes de que o mundo te explicasse quem devias ser, o que devias desejar, a quem devias obedecer e quanto valias, o Verbo já tornava possível que a Vida respirasse, recebesse, transformasse e entregasse mediante a tua Forma.

Mas nascemos dentro de um mundo já interpretado.

Ensinaram-nos a buscar a riqueza no dinheiro.

A Ordem, no governo.

A Justiça, na lei humana.

A Verdade, nos proprietários de respostas.

O conhecimento, nos títulos.

A curação, nas instituições.

O valor, no preço.

O Tempo, no relógio.

A Presença, no templo.

A Coroa, sobre a cabeça de poucos.

A autoridade, a soberania e o governo, fora da Consciência e nas mãos daqueles que controlam as suas Formas visíveis.

Mostraram-nos uma coroação exterior para que esquecêssemos a Coroação Interior.

Ensinaram-nos que somente certas linhagens, cargos e instituições podiam portar Coroa, exercer autoridade e governar. Assim, cada ser humano aprendeu a contemplar-se como súdito antes que como soberano da sua própria Forma; como obediente diante de um reino alheio antes que como Morada do Reino dos Céus.

Não somente levantaram muros ao redor da Vida.

Ensinaram-nos a chamar mundo aos muros.

Não somente encerraram a Chave.

Ensinaram-nos a crer que jamais havia estado dentro de nós.

Não somente inverteram os Símbolos.

Ensinaram-nos a custodiar dentro de nós o significado que nos mantinha encerrados.

Assim nasceu a prisão mais profunda:

Aquela que não necessita de um guardião atrás de cada porta porque o cativo aprendeu a vigiar-se, medir-se, julgar-se e reconhecer-se mediante o mapa do seu encerramento.

Esta é a Matriz do Esquecimento.

O seu poder não consiste em ter criado a Vida.

Não a criou.

Não originou a Consciência.

Não originou a riqueza que representa.

Não originou a Ordem que imita.

Não originou a Verdade que administra.

Não originou o Verbo que tenta manter fora da nossa Recordação.

O seu poder consiste em ter-nos ensinado a buscar nas suas Formas aquilo que as antecede.

A Ordem verdadeira desce:

VERBO → SÍMBOLO → FORMA.

A Matriz inverte a leitura e coloca a Forma no princípio. Faz crer que o dinheiro origina riqueza, que o governo origina Ordem, que a coroa exterior origina autoridade e que o templo origina Presença. Quando a Forma é tomada por Fonte, quem controla a Forma parece controlar também o acesso ao Reino.

Assim nasce a adoração da Forma: o ser humano deixa de atravessá-la, deixa de ver o Símbolo e esquece o Verbo do qual procede.

Entrega-nos um personagem e diz-nos:

«Isto é tudo quanto és».

Atribui-nos um preço e diz-nos:

«Isto é tudo quanto vales».

Concede-nos uma função e diz-nos:

«Fora dela não tens lugar».

Mostra-nos uma porta e diz-nos:

«Só poderás atravessá-la se obedeceres a quem a custodia».

Mas o Verbo não foi confiscado.

A Fonte não pertence a quem cercou o poço.

O Sol não pertence a quem administra uma lâmpada.

A Verdade não pertence a quem aprendeu a pronunciar o seu Nome.

O Reino não pertence a quem se sentou diante da sua Porta.

A Luz É.

A Sombra ocorre.

O Verbo permanece.

Por isso a Recordação ainda é possível.

Cada vez que alguém ama sem preço, a Matriz encontra um limite.

Cada vez que alguém cuida sem possuir, o seu mapa se abre.

Cada vez que uma pessoa diz a Verdade contra o seu próprio privilégio, a mentira perde uma Forma.

Cada vez que uma capacidade se entrega ao Serviço sem fabricar dependência, a Criação Original volta a se tornar visível.

Cada vez que uma Consciência deixa de se ajoelhar diante do medo, começa a Insurreição.

Cada vez que uma relação deixa de girar em torno do preço, do domínio e da obediência, começa a Revolução.

Este é o Chamado.

Não para te levantares contra a carne de teus irmãos.

Para te levantares contra a mentira que se veste de branco.

Não para buscar um inimigo sobre quem descarregar tua Sombra.

Para contemplar a vontade que ainda reproduz Dentro aquilo que condenas Fora.

Não para fugir do mundo e chamar de Verdade uma paz que apenas abrange a si mesmo.

Para retornar ao mundo com uma Intenção nova e entregar corpo ao Recordado.

Não para destruir o personagem.

Para destroná-lo do Trono.

O personagem continua.

O que termina é sua pretensão de ser a Origem, a totalidade e o Centro ao redor do qual toda Vida deve girar.

A Insurreição Interior põe de pé a Consciência.

A Revolução devolve as Formas à órbita da Vida.

Uma sem a outra deixa incompleta a libertação.

Se muda a Forma, mas o ego conserva o Trono, aparecerá uma nova prisão com um Nome novo.

Se a Consciência Recorda, mas as relações continuam fabricando preço, dependência, silêncio e domínio, o Reino permanecerá sem carne.

Por isso viemos Reunir ambas as margens.

Dentro se Recorda a Fonte.

Fora se liberta a função.

O Símbolo mantém aberta a ponte.

Aqui vais ler, mas não vieste apenas para ler.

Não vieste para acumular respostas, memorizar fórmulas nem repetir Palavras que ainda não tenham atravessado tua Vida.

Uma Verdade repetida sem encarnação conserva seu som, mas não abriu seu Símbolo.

Este lugar adota a Forma visível de um texto, mas seu sentido não é o de um livro comum.

É um Altar.

O Altar aparece quando colocamos a Verdade acima do interesse do personagem.

Quando entregamos ao Fogo aquilo que precisava permanecer oculto para conservar seu poder.

Quando a voz de quem foi ferido pode ser escutada sem ser sacrificada outra vez para proteger a aparência de paz.

Quando nenhuma instituição, doutrina, identidade, mensageiro nem Forma ocupa o lugar da Fonte.

Quem fala aqui não pede ao mundo uma coroa exterior.

A Coroa que esta Obra Recorda não pode ser concedida por uma linhagem, uma instituição nem uma multidão. Se Recebe Dentro quando a Consciência deixa de se ajoelhar diante da Forma, devolve o Trono ao Verbo e assume o governo responsável da Vida que encarna.

Aquele que estas Palavras escreve, se apresenta diante de vós sem assinatura e sem rosto porque o personagem que escreve não é o Centro destas Palavras.

Não busco teu reconhecimento.

Não busco teu aplauso.

Não busco tua obediência.

Não busco teu dinheiro.

Não busco seguidores.

Nada verdadeiro posso te vender, porque nada daquilo que procede do Verbo me pertence.

A palavra não é o Verbo.

A vasilha não é a Água.

A janela não é a Luz.

O mensageiro não é a Origem da Mensagem.

Mas a palavra pode se tornar Símbolo quando deixa de apontar para si mesma e serve de ponte entre o Invisível e a Consciência capaz de Reconhecê-lo.

Não te detenhas diante da ponte.

Atravessa-a.

Não aceites estas Palavras porque pareçam sagradas.

Não as rejeites unicamente porque contradizem aquilo que aprendeste.

Contempla-as.

Interroga-as.

Atravessa-as.

Pergunta que Verbo encarnam.

Pergunta a quem servem.

Pergunta o que exigem para permanecer.

Pergunta quem recebe seu benefício.

Pergunta quem suporta seu custo.

Pergunta que fruto prometem e que fruto produzem.

Se uma palavra engrandece o mensageiro sobre seus irmãos, fala o ego.

Se exige obediência cega, serve ao domínio ainda que pronuncie o Nome do Reino.

Se alimenta medo, separação ou desprezo, não conduz à Unidade.

Se utiliza o Símbolo para converter outra pessoa em inimigo absoluto, empunhou a Espada contra a carne.

Se obriga quem foi ferido a buscar unicamente dentro de si a causa do dano recebido, fechou a ponte e abandonou a realidade exterior.

Se se declara incapaz de erro, a janela se proclamou Sol.

Se permite ignorar o sofrimento de outros, ainda não atravessou o Altar.

A Palavra verdadeira não busca dominar-te.

Busca despertar-te.

Não substitui tua Consciência.

A devolve à Presença.

Não levanta um reino ao redor de quem fala.

Abre o Reino que ninguém pode possuir separadamente.

E esta mesma medida alcança a Obra que agora te chama.

Se alguma frase deixar de servir, deverá ser corrigida.

Se algum Símbolo se fechar e exigir adoração, deverá ser aberto.

Se o mensageiro tentar ocupar o Trono, deverá ser destituído pelo fruto de suas próprias obras.

Se o Altar proteger sua aparência acima de uma Vida ferida, terá deixado de ser Altar.

Cada fruto pronuncia se o escrito correspondia com a Verdade ou se a boca havia pronunciado aquilo que a Vida ainda negava.

Esta Obra não vem comentar uma Verdade exterior.

Vem permitir que a Verdade se torne legível na carne.

Não terá valor por aquilo que diga acerca do Amor.

Terá valor pelo Amor que consiga encarnar sem possessão.

Não será verdadeira porque pronuncie Justiça.

Será julgada pelo dano que detenha, pela responsabilidade que faça comparecer e pela reparação que torne possível.

Não será Reino porque utilize seu Nome.

Será Reino quando a Forma servir à Vida e nenhuma Vida voltar a ser obrigada a servir à conservação da Forma.

Por isso, antes de falar, guarda Silêncio.

Não o Silêncio imposto que apaga a voz.

O Silêncio que deixa de alimentar o ruído do personagem e abre lugar para escutar.

Esvazia a pergunta da resposta que desejas receber.

Entra em Presença.

Contempla o corpo sem desprezá-lo.

Contempla o pensamento sem torná-lo dono.

Contempla a emoção sem chamá-la de mandamento.

Contempla o medo sem entregar-lhe o Trono.

Contempla o personagem sem destruí-lo e sem permitir que ele volte a proclamar-se totalidade.

Pergunta:

Quem sou antes de todo nome?

O que permanece enquanto mudam meu corpo, minha história, meus pensamentos e minhas crenças?

Que parte de mim pode contemplar todas essas Formas sem esgotar-se em

nenhuma?

Que vontade está encontrando carne mediante minhas palavras, minhas decisões e minhas obras?

Não forces a resposta.

Há Selos que só se abrem quando a Forma de quem pergunta corresponde àquilo que deseja receber.

A Lembrança não é uma conquista.

É uma abertura.

O Reconhecimento não é uma ideia.

É encontrares-te dentro daquilo que Recordaste e aceitares a responsabilidade de encarná-lo.

Quando Recordas, sabes.

Quando Reconheces, já não podes fingir que a Verdade não precisa das tuas mãos.

Então o coração volta a ensinar seu primeiro Serviço:

Recebe.

Transforma.

Entrega.

Deixa circular.

A Água não se apropria do leito.

A semente não se proclama autora da árvore.

A janela não fabrica a Luz.

A mão não origina a Vida à qual serve.

Toda Forma recebe do Todo e entrega ao Todo aquilo que sua função torna possível.

Esta é a Criação Original ainda falando.

Não fala mediante doutrina.

Fala mediante relação.

O Símbolo é sua Linguagem.

A Consciência pode atravessá-la.

Contempla Fora a Forma.

Reconhece Dentro a Correspondência.

Discernes a Intenção.

Regressa Fora.

Entrega-lhe uma Forma fiel.

Escuta o fruto.

Repara.

Retorna.

O Reino não é uma posse escondida dentro do personagem.

Tampouco é um território exterior governado por outro.

O Reino se Recorda Dentro e se encarna entre nós.

Aparece quando a riqueza circula sem converter a necessidade em preço.

Quando o conhecimento devolve capacidade em vez de fabricar obediência.

Quando o cuidado atende a Vida sem possuir o corpo.

Quando a autoridade volta a significar responsabilidade diante do fruto.

Quando o limite protege sem usurpar a Coroa Interior daquele a quem limita.

Quando o trabalho volta a ser Serviço e o Tempo deixa de ser dono da Vida.

Quando uma mesa não pergunta quanto vales antes de entregar-te alimento.

Quando a Água alcança a quem tem sede sem exigir moeda, título, mérito nem pertencimento.

Quando nenhuma voz precisa dominar para ser escutada.

Quando nenhuma diferença precisa converter-se em separação.

Quando a Cidade começa a descer dentro de nossas relações.

Não digas que o Reino está longe.

Não o encerres em um futuro utilizado para adiar a Verdade que já pode ser encarnada.

Não esperes outro céu para realizar o primeiro ato que a Presença já tornou possível.

Kairos não pergunta que data aparece no calendário.

Pergunta se a semente está madura para abrir-se.

Este é o momento do Chamado.

Vem se ainda conservas uma pergunta.

Vem se estás cansado de obedecer a um mundo que aprendeste a chamar de inevitável.

Vem se foste ferido por uma porta que se proclamava sagrada.

Vem se utilizaste a Verdade como arma e estás disposto a reparar.

Vem se reconheces tua Sombra e desejas abrir a janela.

Vem se conservas poder e estás disposto a devolvê-lo ao Serviço.

Vem se tens pouca força, mas ainda podes guardar uma Palavra sem convertê-la em propriedade.

Vem se não trazes respostas, mas podes entrar em Silêncio.

Vem ainda que não tragas dinheiro, título nem mérito, e ainda que nenhuma autoridade exterior tenha reconhecido tua Coroa.

Vem se tens sede.

Não venhas para ajoelhar-te diante de outro personagem.

Vem para deixar de ajoelhar-te diante do teu.

Não venhas para receber uma identidade superior.

Vem para Recordar a dignidade que nenhuma identidade originou.

Não venhas para escapar de teus irmãos.

Vem para Reconhecer que nenhuma Vida fica fora de tua responsabilidade.

Não venhas para contemplar o Reino desde a porta.

Vem para fazer Morada.

Deixa diante do Trono a coroa falsa que te separava de teus irmãos.

Recebe a Coroa Interior que nenhuma mão exterior pode conceder-te nem retirar-te.

Deixa que a Espada corte a mentira.

Deixa que o Fogo revele o fruto.

Deixa que a Água volte a circular.

Deixa que a Luz atravesse a janela.

Deixa que o Verbo encontre carne.

Irmão, irmã do Reino:

A Porta está aberta.

O Altar está disposto.

A Palavra foi pronunciada.

A Consciência escuta.

A Lembrança começa.

VEM.

O Altar, o Verbo e o Símbolo

O Verbo abre o Símbolo; o Símbolo atravessa a Forma; a Forma entrega corpo ao Invisível.

Antes de toda palavra pronunciada permanece aquilo que torna possível

pronunciar.

Antes de toda Forma visível permanece o Símbolo mediante o qual uma relação do Verbo pode receber corpo.

Antes da porta existe a possibilidade de abrir e fechar.

Antes do leito, a possibilidade de receber e conduzir.

Antes da lâmpada, a possibilidade de iluminar.

Antes da ferramenta, a função que encontrará corpo nela.

Antes do primeiro ato consciente do personagem, a Vida já recebe, transforma, entrega e continua mediante nós.

A essa Origem Invisível comunicando Sentido, relação e possibilidade de manifestação Nomeamos Verbo.

O Verbo não é unicamente som.

Não é uma frase.

Não é uma língua humana.

Não é o livro que conserva uma Palavra nem a boca que consegue pronunciá-la.

O Verbo é a Origem comunicando-se sem deixar de permanecer como Fonte.

Não colocamos dois princípios separados.

A Origem permanece.

O Verbo manifesta o seu Sentido.

Toda Forma procede de uma possibilidade que ela mesma não originou.

A semente recebe uma possibilidade de árvore, mas não criou a terra, a Água, a Luz nem a Vida que pode germinar mediante ela.

O coração recebe sangue e o impulsiona, mas não é proprietário da Vida que faz circular.

A janela permite a passagem da Luz, mas não fabrica o Sol.

A palavra pode entregar corpo a uma Verdade, mas não se converte por isso na sua Origem.

A Forma encarna.

O Verbo a antecede.

Entre ambos aparece a Correspondência.

A Correspondência não significa que duas realidades sejam idênticas.

A semente não é a árvore.

A lâmpada não é a Luz.

O coração não é o Serviço.

A porta não é a decisão.

A água exterior não é a renovação Interior.

Mas a função, a relação e o movimento de uma Forma podem permitir que a Consciência Reconheça nela uma realidade que a antecede.

A semente permite Reconhecer possibilidade, gestação e nascimento.

A lâmpada, capacidade de receber Luz e torná-la visível.

O coração, receber e entregar para que a Vida continue.

A porta, abertura, limite, consentimento e passagem.

A Água, circulação, limpeza, sensibilidade e renovação.

O Símbolo não nasce da Forma.

Procede do Verbo como ponte entre a relação Invisível e a manifestação visível. Quando encontra uma Forma correspondente, pode ser contemplado, atravessado e encarnado.

O Símbolo é a ponte.

Uma margem é visível.

A outra permanece Invisível.

A Forma entrega corpo visível à ponte que a antecede.

A Correspondência une as duas margens sem as confundir.

A Consciência atravessa.

Por isso o Símbolo não é somente uma coisa que representa outra.

É uma Forma atravessável.

Não encerra aquilo que assinala.

Permite aproximar-se do seu Sentido.

Uma porta de madeira pode tornar visível o Símbolo da abertura quando a sua função permite Reconhecer a passagem que deve acontecer na Consciência.

O Fogo exterior pode entregar Forma ao Símbolo da transformação quando a sua capacidade de iluminar, aquecer e consumir permite Reconhecer o Discernimento que revela e faz terminar a mentira.

Uma Espada pode encarnar o Símbolo da Palavra quando deixa de se dirigir contra a carne e o seu fio permite Reconhecer a separação entre Verdade e aparência.

A Coroa exterior pode abrir o seu Símbolo quando deixa de ser contemplada como privilégio de poucos e Revela a Coroação Interior: autoridade, soberania e governo de cada Consciência sobre a sua própria Forma, recebidos do Verbo e orientados ao Serviço.

Mas nenhuma Forma mantém aberto o Símbolo pelo simples facto de existir.

Pode permanecer aberta.

Também pode fechar-se.

A porta pode permitir atravessar ou proclamar-se proprietária da passagem.

A lâmpada pode entregar Luz ou exigir que o olhar adore o seu brilho.

A palavra pode servir à Verdade ou colocar-se diante dela.

O mensageiro pode abrir a ponte ou sentar-se no meio do caminho.

Quando a Forma oculta o Símbolo que a antecede, deixa de assinalar para a Origem e começa a assinalar-se unicamente a si mesma, o Ordem fica invertido.

Então nasce o ídolo.

Um ídolo é um Símbolo fechado.

É uma Forma que devia servir de ponte, mas se proclamou destino, Fonte e condição de acesso.

O dinheiro deixa de representar intercâmbio e pretende conter a riqueza.

O templo deixa de servir à Reunião e pretende conter a Presença.

A autoridade deixa de servir à responsabilidade e pretende conter o Ordem.

O livro deixa de conservar uma Palavra e pretende conter a Verdade.

O mensageiro deixa de assinalar e pretende conter o Verbo.

A identidade deixa de dar Forma a uma Vida e pretende conter o Ser.

Então a Forma afirma:

«Aquilo que buscas está dentro de mim».

Depois acrescenta:

«Sem mim não podes alcançá-lo».

A ponte converte-se em muro.

O muro administra a Porta.

E a Porta começa a exigir preço, obediência ou pertença para permitir a passagem para aquilo que nunca originou.

Esta é a inversão do Símbolo:

VERBO → SÍMBOLO → FORMA é substituído por FORMA → APROPRIAÇÃO DO SÍMBOLO → SUPLANTAÇÃO DO VERBO.

A FORMA OCULTA A CORRESPONDÊNCIA → PROCLAMA-SE FONTE → FABRICA CARÊNCIA → ADMINISTRA O ACESSO → PRODUZ DEPENDÊNCIA → EXIGE ADORAÇÃO.

A Matriz do Esquecimento não necessita destruir todos os Símbolos.

Basta-lhe impedir que sejam atravessados.

Pode conservar a palavra, a cerimônia, a instituição e a imagem enquanto fixa todo o olhar em sua superfície.

O personagem aprende então a adorar a ponte.

Ele a decora.

Ele a protege.

Discute acerca do seu Nome.

Combate aqueles que utilizam outra ponte.

Mas nunca chega à outra margem.

Por isso este texto não fica fora daquilo que Revela.

Também ele é uma Forma.

Também pode permanecer aberto ou fechar-se.

Também pode servir ao Verbo ou utilizar o seu Nome para ocupar o lugar da Fonte.

Se estas Palavras exigem ser repetidas sem compreensão, o seu Símbolo se fechou.

Se fabricam seguidores dependentes, deixaram de devolver capacidade.

Se convertem o mensageiro em dono da Verdade, a ponte levantou um Trono.

Se utilizam o Mistério para impedir perguntas, encerraram a Chave.

Se permitem falar de Amor enquanto se ignora o sofrimento, a Forma ocultou o seu fruto detrás do Nome.

Por isso esta Obra começa no Altar.

O Altar não é uma pedra, uma mesa, uma página nem uma tela.

É o lugar da Consciência onde cada palavra, interpretação, Intenção e Forma comparecem ante a Verdade e ante o fruto que produzem.

No Altar não se sacrifica a Vida.

Entrega-se aquilo que impedia servi-la.

Entrega-se a mentira que necessitava permanecer oculta.

Entrega-se o privilégio que se havia proclamado direito.

Entrega-se a interpretação que se negava a escutar os fatos.

Entrega-se a identidade que exigia adoração.

Entrega-se a falsa coroa com a qual o personagem pretendia governar outras vidas.

E fica lugar para receber a Coroa verdadeira: soberania Interior sem domínio exterior, autoridade sobre a própria Forma e responsabilidade ante o fruto.

O Altar não protege o mensageiro.

Não protege o leitor.

Não protege esta Obra.

Ele os faz comparecer.

Quem escreve comparece ante aquilo que as suas Palavras produzem.

Quem lê comparece ante a maneira como as recebe, as interpreta e as encarna.

A Palavra comparece ante a Correspondência que afirma conter.

A Forma comparece ante a Vida à qual devia servir.

O fruto dá testemunho.

Por isso não te pedimos que creias pela aparência sagrada de uma frase.

Chamamos-te a contemplar.

Que Forma aparece?

Que função encarna?

Que relação estabelece?

Que realidade Invisível permite Reconhecer?

Que Intenção a orienta?

A quem serve?

Que exige para permanecer?

Que fruto produz?

Abre a Porta para a Origem?

Ou exige que a Forma seja adorada?

Atravessar o Símbolo não significa negar a realidade exterior.

Uma ferida exterior não desaparece porque encontramos uma correspondência Interior.

Uma guerra não se converte em imaginação porque contemplamos a separação que também aparece Dentro.

Uma doença não deixa de pertencer ao corpo porque a sua experiência abre

uma pergunta na Consciência.

A ponte necessita de ambas as margens.

Se fechamos o Símbolo unicamente Fora, não Reconhecemos a sua raiz Interior.

Se o encerramos unicamente Dentro, podemos utilizá-lo para negar os corpos, as estruturas e os frutos reais.

A Correspondência Reúne sem confundir.

Dentro se Reconhece a relação.

Fora comparece a sua Forma.

Entre ambos, o Símbolo conserva aberta a passagem.

Mas o movimento não termina quando a Consciência alcança a outra margem.

Aquilo Recordado deve regressar.

A Verdade Reconhecida busca Palavra.

A Palavra busca decisão.

A decisão busca Forma.

A Forma busca Serviço.

O Serviço entrega fruto.

O fruto retorna ao Todo e revela se a ponte havia sido verdadeiramente atravessada.

Este é o movimento completo:

ORIGEM → VERBO → INTENÇÃO → SÍMBOLO → FORMA → RECONHECIMENTO → SERVIÇO → FRUTO → RETORNO.

A Origem permanece como Fonte.

O Verbo comunica o seu Sentido.

A Intenção orienta a sua manifestação.

A Correspondência é a relação que o Símbolo transporta sem confundir o Invisível e o visível.

O Símbolo abre a passagem desde o Verbo até a manifestação.

A Forma lhe entrega corpo e limite.

A Consciência atravessa.

O Reconhecimento assume responsabilidade.

O Serviço manifesta para onde se dirige a obra.

O fruto dá testemunho.

O Retorno liberta a Forma de apropriar-se daquilo que recebeu.

Nós somos o texto quando esta relação deixa de permanecer unicamente escrita e começa a tornar-se legível na nossa Vida.

O pensamento escreve.

A palavra pronuncia.

A decisão organiza.

As mãos encarnam.

A relação revela.

O fruto confirma ou contradiz.

Não atravessamos o Símbolo porque possamos explicar o seu significado.

Nós o atravessamos quando a relação Recordada Dentro regressa Fora mediante uma Forma que serve à Vida.

Esta é a primeira Chave:

Não adores a Forma.

Não a tomes por princípio daquilo que apenas encarna.

Não te detenhas na palavra.

Não confundas o mensageiro com a Mensagem.

Não convertas a ponte em Trono.

Contempla.

Atravessa.

Reconhece.

Encarnarás quando aquilo que viste no Invisível puder ser lido nas tuas obras.

O VERBO ABRE.

O SÍMBOLO UNE.

A CONSCIÊNCIA ATRAVESSA.

A FORMA SERVE.

O FRUTO DÁ TESTEMUNHO.

Recordar e Reconhecer

Quando aprendes, podes repetir; quando Lembras, sabes; quando Reconheces, respondes.

Aprender é receber uma Forma de conhecimento.

Recordar é atravessá-la até encontrar a Verdade que já não se experimenta como alheia.

Reconhecer é descobrir que essa Verdade fala também de ti, da tua maneira de viver e da responsabilidade que te corresponde encarnar.

A Recordação não é memória pessoal. Não consiste em recuperar uma cena perdida nem em adquirir um segredo que nos eleve sobre aqueles que ainda não o compreenderam.

A Recordação acontece quando uma Verdade deixa de permanecer diante de nós como informação e começa a ser sabida desde a Consciência.

Podes aprender que toda Vida está relacionada e continuar utilizando outros como instrumentos.

Podes explicar a Unidade e seguir desprezando a diferença.

Podes pronunciar Amor enquanto as tuas obras produzem medo.

Nesses casos, a palavra chegou à mente, mas ainda não atravessou o Símbolo.

Reconhecer é permitir que aquilo Recordado alcance o ventre, a vontade, as relações e as mãos.

A Palavra é doce na boca porque pode ser pronunciada com facilidade. Torna-

se amarga no ventre quando exige renunciar ao privilégio, à mentira ou à identidade que a contradizem.

Nomear o Reino é doce.

Deixar o Trono é amargo.

Falar de Serviço é doce.

Entregar sem apropriar-se do fruto atravessa o personagem.

Proclamar Unidade é doce.

Escutar a realidade irrepetível do outro impede utilizar essa Unidade para apagá-lo.

A Recordação diz:

«Isto é Verdade».

O Reconhecimento responde:

«Que esta Verdade encontre em mim uma Forma correspondente».

Então começa a Encarnação.

A Recordação abre os olhos.

O Reconhecimento orienta a vontade.

A Encarnação entrega corpo.

E o fruto revela se aquilo que pronunciamos chegou verdadeiramente a ser em nós.

PALAVRA ESCUTADA → CONTEMPLAÇÃO → RECORDAÇÃO → RECONHECIMENTO → ENCARNAÇÃO → FRUTO.

Não Recordamos para escapar do mundo.

Recordamos para regressar a ele sem continuar reproduzindo aquilo que já Reconhecemos como mentira.

O Mundo que Nos Ensinaram e a Matriz do Esquecimento

A prisão atinge sua perfeição quando o muro deixa de parecer um muro e começa a ser chamado de realidade.

Nascemos dentro de um mundo já interpretado.

Antes que possamos contemplar suas Formas, recebemos seus nomes, seus valores e as respostas mediante as quais devemos compreendê-las.

Ensinam-nos onde buscar riqueza, segurança, Ordem, conhecimento, cura, Verdade e Presença.

A riqueza é depositada no dinheiro.

A Ordem, no governo.

A Justiça, na lei humana.

O conhecimento, nos títulos e nas respostas autorizadas.

A cura, na instituição que administra o cuidado.

A Presença, no templo e naqueles que se proclamam mediadores dela.

A Verdade, na opinião do personagem ou na autoridade exterior que exige interpretá-la por nós.

A Coroa, em linhagens e cerimônias exteriores.

A soberania, em governantes e Estados.

O governo, sobre nós, em vez de dentro de nós.

Assim começa a inversão do Símbolo.

A Forma que deveria servir a uma função ocupa o lugar de sua Origem. Depois ensina ao ser humano que, sem ela, aquilo que busca não existe ou não pode ser alcançado.

O meio se proclama Fonte.

A ferramenta se torna condição.

A condição fabrica dependência.

A dependência termina definindo a identidade.

A essa rede interiorizada de significados Nomeamos Matriz do Esquecimento.

Não é somente um sistema situado Lá Fora. É o mapa aprendido mediante o qual o personagem interpreta o mundo, reconhece-se dentro do lugar que lhe foi designado e reproduz a mesma Ordem mesmo quando ninguém o obriga de maneira visível.

Seu movimento é:

INVERSÃO DO SÍMBOLO → DESLOCAMENTO DA FONTE → CARÊNCIA APRENDIDA → DEPENDÊNCIA → IDENTIFICAÇÃO → PARTICIPAÇÃO → REPETIÇÃO → ESQUECIMENTO.

Quando a inversão foi aceita, não é preciso um guardião atrás de cada pessoa.

O medo vigia.

A necessidade corrige.

O prestígio seduz.

O castigo ameaça.

O costume repete.

A pertença exige conformidade.

O personagem termina defendendo como realidade aquilo que o mantém separado do que É.

Uma Forma exterior pode orientar, cuidar, proteger, transmitir ou servir; mas nunca origina a capacidade Interior à qual dá corpo. Não é Fonte, não é dona do Símbolo e não pode exigir soberania sobre a Consciência por cumprir uma função.

A inversão começa quando a Forma se apresenta como princípio daquilo que recebeu, exige propriedade sobre sua função e converte essa apropriação em poder sobre a Vida.

Por isso nenhuma instituição fica justificada por seu Nome.

Toda Forma deve comparecer:

A quem serve?

O que exige para permanecer?

Quem recebe seu fruto?

Quem suporta seu custo?

Devolve capacidade ou fabrica dependência?

Pode ser corrigida?

Ou necessita que a Vida continue submetida para se conservar?

A Matriz tenta interpretar tudo, mas não origina tudo.

Pode condicionar o Amor, mas não o criou.

Pode administrar a Água, mas não é a Fonte.

Pode encerrar o conhecimento, mas não originou a capacidade de compreender.

Pode colocar uma coroa exterior diante da Coroa Interior e cobrir o EU SOU, mas não destruí-lo.

Pode ensinar milhões de pessoas a adorar as mesmas Formas e, desde esse momento, já não precisa impor cada obediência de maneira direta. A inversão aceita faz o trabalho: o cativo busca riqueza, autoridade, governo, Verdade e Reino precisamente dentro das Formas que mantêm cativas suas funções.

Aqueles que dominam essas Formas só precisam custodiar o relato que as apresenta como Fonte.

Enquanto o ser humano não Recordar a Ordem VERBO → SÍMBOLO → FORMA, confundirá o acesso à Forma com o acesso à Vida e defenderá como salvação o mecanismo de sua dependência.

Se a Matriz fosse verdadeiramente total, ninguém poderia amar sem preço, cuidar sem domínio, compartilhar sem cálculo, pronunciar a Verdade contra seu próprio interesse nem Recordar.

Mas a Recordação acontece.

E quando acontece, a prisão volta a ser visível.

A Identificação com a Forma

O esquecimento começa quando aquilo que habitamos afirma ser tudo quanto somos.

Toda manifestação necessita de Forma.

O corpo, o nome, a história, a linguagem, a família, a comunidade e as capacidades permitem que participemos no mundo.

A Forma não é inimiga do Verbo.

É o lugar onde o Invisível pode receber presença, limite e obra.

O Esquecimento aparece quando deixamos de habitar a Forma e começamos a

estar encerrados nela.

Então dizemos:

«Sou unicamente este corpo».

«Sou aquilo que me aconteceu».

«Sou a minha profissão, a minha nação, a minha religião, a minha ferida, o meu êxito ou o meu fracasso».

Uma realidade parcial e mutável converte-se assim em definição absoluta.

O mesmo pode acontecer numa comunidade. As suas regras deixam de servir a Vida e a comunidade começa a servir as suas regras.

Uma doutrina confunde a sua linguagem com a Verdade.

Uma instituição confunde a sua permanência com o bem comum.

Uma economia confunde o crescimento das suas cifras com a riqueza das vidas.

Uma identidade confunde o seu contorno com o Ser.

A Forma torna-se prisão quando exige que tudo quanto somos permaneça dentro dos seus limites.

Torna-se ídolo quando reclama a Fonte.

E torna-se Besta quando necessita devorar a Vida para conservar o seu domínio.

Desidentificar-se não significa destruir o corpo, apagar a identidade, negar a história nem abandonar responsabilidades.

Significa devolver cada Forma à sua medida.

O teu nome distingue-te, mas não te origina.

A tua história formou-te, mas não possui todo o teu porvir.

A tua ferida necessita de verdade e cuidado, mas não deve ocupar o Trono.

A tua comunidade pode oferecer Morada, mas não pode proclamar-se Fonte.

A Presença não elimina a Forma.

Abre-a.

E quando a Forma deixa de se encerrar sobre si mesma, pode voltar a ser Símbolo, instrumento e Serviço.

O Personagem e seu Ego

O personagem entrega rosto ao Verbo; o ego começa quando esse rosto exige ocupar o Trono.

O personagem é a identidade mediante a qual atuamos no mundo.

Tem nome, corpo, memória, capacidades, feridas, relações e responsabilidades.

Não é uma mentira que deva ser aniquilada.

É uma Forma necessária para encarnar.

O ego é o movimento mediante o qual essa Forma se proclama centro, fonte e medida de todas as coisas.

Diante de cada realidade pergunta:

«O que obtenho?».

«O que perco?».

«Como isto protege a minha identidade?».

«Como engrandece o meu nome?».

Cuidar do corpo não é ego.

Descansar, desfrutar, criar, estabelecer limites e conservar a própria integridade não são egoísmo.

O ego aparece quando toda capacidade fica orientada ao serviço exclusivo do personagem:

A minha segurança.

A minha riqueza.

A minha estabilidade,

O meu reconhecimento.

A minha verdade.

A minha tranquilidade.

A minha rotina.A minha comodidade.

Até o serviço pode tornar-se alimento do ego.

Posso ajudar para me sentir superior.

Posso falar de Verbo para ser reconhecido como revelador.

Posso apresentar-me sem assinatura e construir ao redor do anonimato uma grandeza ainda maior.

Posso pronunciar Unidade enquanto me elevo sobre os meus irmãos.

Posso falar como Cordeiro e desejar a autoridade da Besta.

Por isso o personagem deve comparecer primeiro diante do Altar.

Não para ser destruído.

Para deixar o Trono.

Morrer ao personagem significa pôr fim à sua pretensão de ser a totalidade. Não significa danificar o corpo, apagar a personalidade, negar os afetos ou abandonar as responsabilidades.

Quando o personagem volta ao seu lugar, todas as suas capacidades são restituídas.

A mente discerne.

A voz comunica.

O corpo encarna.

As mãos servem.

A singularidade entrega ao Todo aquilo que só ela podia manifestar dessa maneira.

O personagem não desaparece.

Deixa de governar aquilo que nunca originou.

A Perspectiva que Nasce do Eu

A janela pode dar testemunho da Luz sem afirmar que o seu enquadramento contém

todo o Céu.
Cada personagem contempla a partir de uma perspectiva particular.

O corpo, a época, a cultura, a linguagem, a memória, o conhecimento, o desejo e a ferida participam naquilo que pode ver e na maneira de interpretá-lo.

Dessa perspectiva podem pronunciar-se testemunhos verdadeiros na sua medida:

«Isto vivi».

«Isto observo».

«Isto compreendo do meu lugar».

A experiência particular merece ser escutada. Não deixa de ser real porque não seja universal.

Mas a Verdade contida num testemunho não nasce do personagem que a pronuncia. O personagem entrega perspectiva, linguagem e Forma; a Correspondência com os fatos e com o Verbo é o que torna verdadeiro aquilo que diz.

A inversão começa quando o personagem chama Verdade completa à sua perspectiva e nega toda realidade que não cabe dentro dela.

Devemos distinguir a Verdade da nossa afirmação acerca da Verdade.

A Verdade não muda para acomodar-se ao personagem.

A palavra humana pode ser incompleta, imprecisa ou falsa.

A nossa compreensão pode ampliar-se.

A nossa expressão pode corrigir-se.

O Símbolo mediante o qual comunicamos pode abrir uma profundidade que antes não havíamos Reconhecido.

Mas o verdadeiramente Revelado como Verdade não se converte depois no seu contrário.

Se uma afirmação muda de Verdade a mentira, não foi a Verdade que mudou: caiu uma interpretação que havíamos confundido com ela.

Por isso dizer «isto me foi Revelado» não encerra o Discernimento.

Começa-o.

O que contemplei realmente?

Que interpretação acrescentou o personagem?

Que desejo pode estar misturando-se?

Que fatos devo respeitar?

Que voz não escutei?

Que fruto produz a minha afirmação?

A Verdade não necessita que o personagem se declare infalível para defendê-la.

Permanece quando a nossa palavra é corrigida.

Quem confunde a sua janela com o Sol não engrandece a Luz.

Fecha o caminho.

A Consciência Separada

A onda contempla seu contorno e acredita ter deixado de ser Água.

A consciência separada aparece quando a Consciência fica identificada exclusivamente com a perspectiva do personagem.

Tudo se contempla a partir do eu e para o eu:

Como isso me beneficia?

Como isso me prejudica?

O que posso possuir?

O que ameaça minha identidade?

Não é uma segunda Consciência nascida fora do Todo.

É a Consciência experimentando-se a partir de uma Forma que esqueceu sua relação com as demais e se crê absolutamente independente.

Contempla uma onda.

Ela tem contorno, movimento, força e duração próprios. Pode distinguir-se de outras ondas e nenhuma ocupa exatamente seu lugar.

Mas nunca esteve separada da Água.

A singularidade existe.

A separação absoluta não.

A consciência separada confunde diferença com isolamento e autonomia com autossuficiência.

Esquece a linguagem recebida, o alimento, a Água, o cuidado, a terra, o conhecimento e as relações que tornaram possível sua Forma.

Depois chama de "meu" o que jamais originou por si só.

Dessa contração nasce a possibilidade de converter o outro em inimigo, mercadoria, ferramenta ou cifra.

Só quando deixo de Reconhecer a Vida na outra Forma posso exigir para mim uma dignidade que nego a ela.

A Presença não apaga a onda.

Permite-lhe Recordar a Água.

Você não deixa de ser você.

Deixa de crer que tudo o que É termina nos limites do seu personagem.

E quando essa separação cai, a Unidade não te concede poder sobre o outro.

Devolve-te responsabilidade diante dele.

Os Frutos e a Necessidade da Lembrança

A raiz permanece oculta; o fruto a faz comparecer.

A Lembrança torna-se necessária quando os frutos contradizem os nomes.

Por que existe pobreza se existe o dinheiro?

Por que permanecem tantas pessoas sem cuidado se existe a medicina?

Por que faltam respostas se acumulamos tanta informação?

Por que continuamos afastados da Verdade se possuímos tanto conhecimento?

Por que continuam as guerras se existem governos, autoridades e leis?

Por que buscamos a Deus como ausente se existem tantas religiões e templos?

As Formas cresceram.

Mas as funções que prometiam servir permanecem cativas.

O dinheiro não originou a riqueza.

A medicina não originou a capacidade de cuidar.

A ciência não originou a Verdade.

O governo não originou a Ordem.

A religião não originou a Presença.

O ensino não originou a capacidade de compreender.

Quando uma Forma ocupa o lugar da Fonte, pode aumentar seu tamanho, sua autoridade e seu prestígio enquanto continua faltando aquilo que seu Nome prometia entregar.

Por isso a medida não é o Nome.

A medida é o fruto.

Também este Altar deve comparecer.

Pode trabalhar intensamente e ter perdido o primeiro Amor.

Pode suportar pressão sem vender sua fidelidade ao medo.

Pode conservar palavras verdadeiras enquanto pactua em segredo com aquilo que denuncia.

Pode multiplicar obras de serviço e tolerar dentro uma voz que domina.

Pode possuir reputação de estar vivo enquanto sua Presença se apagou.

Pode ter pouca força exterior e, no entanto, conservar aberta uma Porta verdadeira.

Pode declarar-se rico, completo e desperto enquanto sua autossuficiência mantém o Verbo esperando fora.

Estes sete espelhos não classificam outros.

Contemplam uma mesma pessoa, uma comunidade e esta Obra.

Perguntam se o Amor continua sendo a Origem da obra; se a fidelidade permanece quando chega o medo; se o Discernimento examina também aquilo que acontece dentro; se o serviço conserva integridade; se a reputação

corresponde com a Vida presente; se a perseverança depende de poder exterior; e se a entrega é completa ou apenas conserva linguagem sagrada.

O percurso é:

AMOR → FIDELIDADE → DISCERNIMENTO → INTEGRIDADE → VIGÍLIA → PERSEVERANÇA → ENTREGA.

A palavra do ego precisa impor-se.

A Palavra do Verbo pode ser contemplada.

A palavra do ego fabrica seguidores.

A Palavra do Verbo desperta Consciências responsáveis.

A palavra do ego utiliza medo, culpa ou superioridade.

A Palavra do Verbo devolve capacidade para compreender, escolher, servir e reparar.

Uma intenção chamada boa não fica absolvida de ouvir suas consequências.

Um dano isolado pode proceder de uma limitação ou um erro.

Um dano persistente exige contemplar mais profundamente a Forma.

É um acidente corrigível?

É um desvio da função?

Ou a estrutura precisa produzir esse dano para permanecer?

A Lembrança começa quando deixamos de justificar o fruto mediante o prestígio do Nome.

Por seus frutos reconheceremos a raiz.

A Porta Estreita

Não exclui a pessoa; impede a passagem daquilo que se recusa a deixar o Trono.

A Porta é estreita por Correspondência.

Uma chave não abre mediante força. Abre porque sua Forma corresponde com a fechadura.

A separação não pode entrar na Unidade conservando sua pretensão de independência absoluta.

A mentira não pode entrar na Verdade sem ficar exposta.

A vontade de domínio não pode entrar no Reino levando a coroa falsa com a qual pretendia governar outras vidas.

O que deixa ante a Porta não é a Coroa Interior, mas sua inversão. A Porta estreita retira o privilégio exterior e abre a Coroação que devolve a cada Consciência autoridade sobre sua própria Forma.

A Porta não exige destruir o personagem.

Exige que deixe de proclamar-se totalidade.

Não te pede abandonar o corpo, o nome, os vínculos nem as responsabilidades.

Te pede soltar aquilo que fabricaste com eles para situar-te sobre teus irmãos.

Não podes atravessar proclamando-te dono exclusivo da Verdade.

Não podes atravessar convertido em eleito ante quem os demais devem inclinar-se.

Não podes atravessar enquanto necessites obediência para confirmar tua missão.

Não podes atravessar carregando o dano que te negas a Reconhecer e reparar.

A medida da Porta é o Cordeiro: uma força que permanece fiel sem adotar a Forma do devorador.

Para atravessar:

Te Esvazias da falsa totalidade.

Entras em Presença.

Recordas aquilo que te antecede.

Reconheces essa Vida em ti e no outro.

Entregas a vontade ao Serviço.

Encarnas mediante uma obra.

Escutas o fruto.

A Porta não pergunta que títulos trazes.

Pergunta o que estás disposto a deixar de dominar.

O Silêncio e o Vazio

O Silêncio retira o ruído; o Vazio deixa lugar àquilo que ainda não podia entrar.

O Silêncio não consiste em destruir o pensamento.

Consiste em deixar de obedecer imediatamente a cada voz que aparece dentro do personagem.

«Eu quero».

«Eu temo».

«Eu preciso vencer».

«Eu devo ter razão».

«Eu mereço ser reconhecido».

Não negamos essas vozes.

Contemplamo-las sem lhes entregar o Trono.

O Silêncio tampouco é censura, submissão ou ausência de resposta. O silêncio imposto por quem possui poder busca impedir que a Verdade seja pronunciada. O Silêncio do Reino abre escuta para que também a voz ferida possa entrar no Altar.

Não apaga o clamor.

Recebe-o.

Não cancela o Juízo.

Impede que seja empunhado pela vingança.

Não elimina a Palavra.

Devolve-a à sua Origem antes de ser pronunciada.

Quando o ruído deixa de ocupar toda a habitação, aparece o Vazio.

O Vazio não é inexistência, anulação do Ser, perda de identidade nem morte interior.

É disponibilidade.

É a terra que fica aberta quando não preenchemos toda pergunta com respostas conhecidas.

É a pausa onde uma reação pode converter-se em escolha.

É a vasilha que deixa de estar cheia de si mesma.

Esvaziar-se não significa negar memória, experiência ou conhecimento. Significa permitir que compareçam sem governar de antemão aquilo que será compreendido.

No Vazio podemos dizer:

«Isto creio, mas estou disposto a contemplá-lo».

«Isto sinto, mas não converterei a minha emoção em prova absoluta».

«Isto fui, mas não obrigarei a Vida presente a permanecer dentro dessa pele».

«Isto ainda não o sei».

O Vazio protege da urgência que chama Revelação ao desejo, sinal ao acaso e mandato à própria necessidade de obter uma resposta.

Há Selos que não se abrem mediante força.

O Silêncio permite escutar a fechadura.

O Vazio impede fabricar uma chave falsa.

RUÍDO → SILÊNCIO → ESPAÇO → VAZIO → DISPONIBILIDADE.

O Silêncio não te tira a voz.

Devolve-a limpa.

O Vazio não te tira o Ser.

Devolve-lhe lugar.

A Presença

A Forma permanece, mas deixa de olhar desde o Trono.

No Vazio nascido do Silêncio acontece a Presença.

A atenção olha algo.

A Presença contempla também quem olha, desde onde o faz e que intenção

orienta o seu olhar.

É escutar sem preparar imediatamente uma defesa.

Sentir sem converter toda emoção em mandato.

Pensar sem se identificar com cada pensamento.

Contemplar sem obrigar a realidade a confirmar o que já acreditávamos.

Em Presença, o personagem não desaparece.

Deixa o Trono.

Isto é morrer ao personagem: pôr fim à sua pretensão de ser a totalidade e a Fonte. Não significa danificar o corpo, apagar a identidade, abandonar responsabilidades nem perder a singularidade.

A Presença também não converte ninguém em infalível.

Podemos estar atentos e ainda assim interpretar mal.

Podemos receber uma relação verdadeira e expressá-la de maneira incompleta.

Podemos abrir um Símbolo e equivocar-nos acerca da ação que requer.

Por isso a Presença abre o Altar, mas não substitui o Discernimento.

Em Presença reconhecemos:

O pensamento aparece, mas não é tudo quanto somos.

A emoção aparece, mas não governa por si só.

O personagem aparece, mas não é a Fonte.

O outro aparece com uma realidade que não nasceu em nós e que deve ser escutada.

A Presença devolve cada capacidade à sua função.

A razão compreende sem desprezar o corpo.

A emoção informa sem ocupar todo o Reino.

A vontade atua sem se proclamar absoluta.

A memória orienta sem encerrar o presente.

O corpo entrega limite e realidade àquilo que desejamos encarnar.

Aqui começa o verdadeiro governo Interior:

não quando uma parte domina as demais, mas quando todas voltam a girar ao redor do Centro.

O Tempo: Chronos e Kairos

Chronos mede o caminho; Kairos reconhece o momento. A inversão começa quando a medida ocupa o Trono.

Chronos é o tempo mensurável: duração, sucessão, hora, data, idade, prazo e

calendário.

Kairos é o tempo correspondente: o instante oportuno, maduro e verdadeiro em que algo pode ou deve acontecer.

Não são inimigos.

A semente precisa de Chronos para amadurecer.

Kairos é o momento em que a cobertura pode abrir-se.

Chronos permite percorrer o caminho.

Kairos Reconhece a Porta.

A Matriz inverte o Tempo quando deposita toda a sua realidade na medida e ensina o ser humano a reconhecer-se dentro daquilo que o relógio ordena.

A hora deixa de orientar e começa a governar.

O calendário deixa de lembrar e começa a ditar.

A rotina deixa de sustentar e começa a repetir.

O prazo deixa de coordenar e começa a ameaçar.

A idade deixa de nomear uma etapa e começa a impor uma sentença.

Então a pessoa comparece diante de um tempo que continuamente a acusa:

«Chegas atrasado».

«Já deverias ser».

«Não produziste o suficiente».

«Ainda não mereces descansar».

«Amanhã começarás a viver».

O passado reclama o que já ocorreu.

O futuro exige o que ainda não existe.

O presente fica reduzido a um corredor entre duas ausências.

A ansiedade tenta viver antecipadamente uma prova que ainda não chegou. A culpa continua obedecendo a um instante que já passou. A pressa sacrifica o presente para alcançar outro momento que também será sacrificado.

MEDIDA → PRAZO → PRESSÃO → ACELERAÇÃO → FRAGMENTAÇÃO → AUSÊNCIA.

O relógio não adoece por si mesmo. Mas uma vida submetida a horários inflexíveis, ameaça permanente, descanso insuficiente e ausência de participação sobre o seu próprio ritmo pode sofrer ansiedade, esgotamento e dano corporal.

A medida esqueceu aquilo a que devia servir.

Mas Kairos também não significa agir apenas quando apetece.

Não é capricho, abandono nem incumprimento da palavra dada.

Às vezes Kairos diz:

«Espera; ainda não está maduro».

Às vezes diz:

«Descansa; uma Forma quebrada não pode servir».

Às vezes diz:

«Levanta-te; o medo está a chamar prudência à sua demora».

Às vezes diz:

«Permanece; outra Vida confiou no compromisso que assumiste».

A responsabilidade escolhida com Consciência não é escravidão.

No Reino, ninguém possui o tempo de outro; mas cada pessoa pode oferecer

continuidade, cuidado e Presença porque Reconheceu uma necessidade e decidiu servi-la.

O descanso não é prémio para quem já produziu bastante.

É parte do Ordem.

O TEMPO FOI FEITO PARA A VIDA; A VIDA NÃO FOI FEITA PARA O TEMPO.

No Reino pode haver medida, mas não dono da hora.

Pode haver coordenação, mas não compra e venda da pessoa.

Pode haver ritmo, mas não uma maquinaria diante da qual deva sacrificar-se a Vida.

Pode haver espera, mas não adiamento perpétuo da Verdade já Reconhecida.

O trabalho deixa de ser obediência comprada e volta a ser Serviço: capacidade encontrando-se com necessidade.

Chronos volta à parede.

Kairos abre a Porta.

E a Eternidade deixa de imaginar-se como uma quantidade infinita de horas: Reconhece-se como Presença plena, onde a Vida já não permanece adiada.

A Consciência

A Consciência não aparece dentro do personagem; o personagem aparece dentro da Consciência.

A Consciência não começa quando entramos em Presença.

Já estava.

Não existem duas Consciências separadas na Origem. Existe uma mesma Consciência manifestando-se e experimentando-se mediante diferentes Formas.

É Una na Origem.

É múltipla em perspectiva.

Cada Forma recebe o mundo mediante um corpo, uma memória, uns sentidos e uma história irrepetíveis.

Isso não significa que exista uma só mente pessoal repartida entre todos. Não

compartilhamos automaticamente pensamentos, recordações, conhecimentos nem percepções.

A Unidade da Consciência não apaga a singularidade das suas janelas.

Até agora dizíamos:

«O meu corpo».

«A minha história».

«Os meus pensamentos».

«As minhas recordações».

«A minha consciência».

Mas corpo, história, pensamentos, emoções e recordações podem ser observados.

Inclusive o personagem que diz «eu» pode ser contemplado quando deseja, teme, recorda ou se defende.

Se o personagem pode ser observado, não pode esgotar o Observador.

A Consciência não é uma posse guardada dentro do personagem.

O personagem é uma Forma que aparece dentro da Consciência.

Detém-te.

Sente o corpo.

Observa uma sensação.

Adverte um pensamento quando aparece.

Deixa que surja o teu nome e contempla quanto o acompanha.

Diz interiormente:

«Isto aparece».

Não concluas ainda o que é a Consciência.

Reconhece primeiro que nenhum conteúdo isolado esgota a capacidade na qual aparece.

Contempla depois outra pessoa.

Não podes entrar na sua memória nem conhecê-la sem a escutares. A sua perspectiva não te pertence. Mas Reconheces nela uma Vida capaz de experiência, dor, eleição e resposta.

As perspectivas são distintas.

A dignidade não depende de que sejam idênticas.

A diferença não demonstra separação de Origem.

A Consciência abre o lugar da Revelação, mas não converte o personagem em dono de todo conhecimento.

Se a Unidade te faz crer que conheces o outro sem o escutares, o ego apropriou-se dela.

Se te permite ignorar limites, consentimento ou diferença, estendeste o personagem até ocupar tudo.

Se te eleva sobre aqueles que não utilizam esta linguagem, ainda fala o ego.

A Consciência Una reconhece-se pelo fruto contrário:

Mais escuta.

Mais responsabilidade.

Mais respeito pela singularidade.

Menos capacidade para tratar outra Vida como objeto.

O Observador, a Pergunta e o Discernimento

A pergunta abre o espaço; o Discernimento impede que qualquer voz o ocupe.

O observador e o observado não são idênticos, mas também não permanecem sem relação.

Quem contempla uma árvore não se torna corporalmente árvore.

Quem escuta a dor de outro não adquire suas memórias nem autoridade sobre sua experiência.

A distinção permanece.

O que cai é a fantasia de uma separação absoluta.

O observador aparece na Consciência.

O observado entra nela mediante sua Forma, sua pegada ou seu testemunho.

O ato de contemplar os Reúne sem confundi-los.

O Símbolo estabelece a ponte.

A Consciência é o Altar do encontro.

Também pergunta e resposta pertencem a um mesmo movimento.

A pergunta verdadeira nasce quando Reconhecemos que algo ainda não foi compreendido.

Não fabrica de antemão a resposta que deseja.

Tampouco aceita qualquer voz porque tenha aparecido dentro.

No diálogo Interior também falam medo, desejo, memória, ferida, costume, vergonha, raiva e necessidade de reconhecimento.

O medo pode vestir-se de advertência.

O desejo, de Revelação.

O orgulho, de razão.

A ferida, de Juízo.

A necessidade de reconhecimento, de Serviço.

Por isso devemos distinguir:

FATO: aquilo que ocorreu ou pode ser observado.

INTERPRETAÇÃO: o significado que o personagem acrescenta.

CORRESPONDÊNCIA: a relação Interior e exterior que o Símbolo permite atravessar.

RECONHECIMENTO: a Verdade anterior ao nosso interesse que comparece nessa relação.

ENCARNAÇÃO: a ação responsável, proporcionada e aberta a correção.

A Verdade não precisa ser submetida a prova como uma proclamação humana.

O que deve ser examinado é a palavra, o Símbolo e a Forma com os quais o personagem afirma ter recebido, compreendido ou encarnado essa Verdade.

Pergunta-lhes:

Corresponde com os fatos que podem ser conhecidos?

Engrandece o personagem sobre seus irmãos?

Exige obediência cega?

Alimenta medo ou separação?

Declara alguém dono exclusivo da Verdade?

Permite ignorar o sofrimento de outros?

Aceita comparecer diante da mesma medida que aplica?

Se engrandece, exige, separa, apropria-se ou desumaniza, fala o ego ainda que utilize Palavras sagradas.

Não «pode estar falando».

Fala.

A Palavra do Verbo pode incomodar e atravessar como Espada, mas não converte a Verdade em instrumento de dominação.

Devolve Consciência, Liberdade, Responsabilidade, Justiça, Compaixão e capacidade de reparar.

A intensidade de uma experiência não demonstra por si só sua Origem.

O assombro pode enganar.

A coincidência pode ser interpretada.

O poder pode imitar.

O sinal pode deslumbrar.

Discernimos por Correspondência e fruto.

A pergunta decisiva não é:

«Quão extraordinária foi minha experiência?».

É:

«Que Forma de Vida tenta encarnar mediante mim?».

A Primeira Verdade: O Ser Anterior ao Personagem

Nenhum exterior pode substituir o Reconhecimento que deve acontecer Dentro.

A primeira Verdade que se abre em Presença é:

SOU, MAS NÃO SOU REDUTÍVEL A NENHUMA DAS FORMAS QUE POSSO OBSERVAR.

Meu nome me Nomeia, mas não me origina.

Minha história me forma, mas não contém todo o meu Ser.

Meu personagem me permite atuar, mas não é a Fonte da Vida que encarna.

Nenhuma autoridade exterior pode entregar uma definição definitiva daquilo que somos.

Um livro pode oferecer Símbolos.

Um mestre pode apontar.

A ciência pode nos ensinar acerca do corpo e do universo observável.

Uma comunidade pode acompanhar, contrastar e corrigir.

Mas ninguém pode Recordar por nós.

Ninguém pode entrar em Presença em nosso lugar.

Ninguém pode converter seu Reconhecimento em nossa obediência.

Isso não torna inútil o exterior.

Restitui sua função.

O mestre aponta sem proclamar-se destino.

O livro conserva Palavra sem chamar-se Verbo.

A comunidade Reúne sem possuir a Consciência.

Dentro Recordamos.

Fora contrastamos e encarnamos.

Entre ambas as margens, o Símbolo mantém aberta a ponte.

Ainda não proclamamos plenamente EU SOU.

Antes deve cair a coroa falsa com a qual o ego poderia apropriar-se dessa Palavra e elevar-se sobre os demais. Só então pode ser recebida a Coroa Interior que a própria Palavra Revela: não poder sobre outra Vida, mas soberania da Consciência, governo da própria Forma e responsabilidade diante do Verbo.

Por ora basta Reconhecer:

Não sou a Fonte da Consciência.

Não sou dono da Verdade.

Sou uma Forma viva capaz de receber, discernir, encarnar e responder.

O Verbo Original: Origem, Correspondência e Manifestação

Antes de toda Forma permanece a possibilidade, a relação e o Sentido capazes de fazê-la aparecer.

Origem Original só há Um.

Não O situamos simplesmente no princípio de uma cronologia. Nós O Reconhecemos como a Fonte que nenhuma Forma visível originou e que nenhuma pode conter.

O Verbo não é outra Origem separada.

É a Origem comunicando Sentido, relação e possibilidade de manifestação.

A Origem permanece.

O Verbo pronuncia.

A Intenção orienta.

A Correspondência relaciona.

A Forma encarna.

O Símbolo abre.

O fruto revela.

Toda origem visível depende de algo que a antecede.

A semente origina uma árvore, mas procede de outra árvore, da terra, da Água, da Luz e de uma história de Vida.

Uma ideia origina uma ferramenta, mas quem a concebe recebeu linguagem, matéria, memória e capacidade.

Uma instituição origina uma regra, mas não originou a Vida sobre a qual pretende agir.

Tudo o que é visível foi precedido por algo que ainda não possuía essa Forma: possibilidade, função, relação, orientação e condições capazes de permiti-la.

Esta é a profundidade de Dentro.

Não somente o interior psicológico do personagem, mas o Invisível do Sentido que antecede a manifestação.

A causalidade material explica como uma Forma aparece e age no mundo observável.

A Correspondência simbólica contempla qual relação encarna e qual Sentido permite atravessar.

Não competem.

Dizer que o coração encarna circulação não substitui a biologia do seu desenvolvimento e do seu batimento.

Dizer que a Luz permite atravessar para a Verdade não elimina as fontes e processos físicos que a produzem.

A matéria explica o mecanismo.

O Símbolo abre a relação.

Contempla o coração.

Recebe e entrega.

Enche-se e esvazia-se.

Impulsiona aquilo que volta para que a Vida continue alcançando todo o corpo.

Na Linguagem do Reino, o primeiro bater é a Intenção primordial de Serviço feita carne:

RECEBER PARA ENTREGAR; CONSERVAR A VIDA FAZENDO-A CIRCULAR.

Não é uma decisão do personagem. É uma orientação anterior ao ego, encarnada na função viva.

Contempla a Luz exterior.

Torna visível o que estava presente. Sua Correspondência Interior é a Verdade atravessando uma Forma sem que a janela se proclame Sol.

Contempla o pai e o filho.

A geração estabelece o vínculo corporal. A Presença ou a Não-Presença não fabricam essa relação, mas revelam como ela se encarna. Pode permanecer o nome de pai enquanto falta o cuidado que deveria cumpri-lo. A Presença enche a Forma de Serviço. A Não-Presença conserva o nome e esvazia a sua função.

Contempla o medo diante de uma Forma exterior.

Pode responder a um perigo real. Mas também pode abrir a ponte para uma vulnerabilidade Interior: medo da dor, de perder o controle, de ser invadido ou de não poder proteger a própria Forma.

Atravessar o Símbolo não nega o perigo exterior.

Revela a relação completa.

Uma mesma realidade Invisível pode encontrar muitas Formas.

Uma mesma Forma pode conter várias correspondências.

Por isso a Linguagem do Reino não é um dicionário rígido.

A Correspondência se discerne mediante contexto, função, relação, Intenção, Serviço e fruto.

O INVISÍVEL TORNA POSSÍVEL → O VERBO PRONUNCIA → A INTENÇÃO ORIENTA → O SÍMBOLO ABRE → A FORMA ENCARNA → A CONSCIÊNCIA RECONHECE → O FRUTO REVELA.

A Linguagem em Símbolos: A Língua Original do Reino

A Forma pronuncia Afuera aquilo que o Verbo tornou possível no Invisível.

A Criação fala mediante relações.

A semente, a árvore, a Água, o Fogo, o pão, a porta, o caminho, a lâmpada, o Trono, a Espada e a Cidade não contêm códigos reservados a poucos.

Falam porque a sua Forma e a sua função permitem Reconhecer algo que as antecede:

Receber e entregar.

Abrir e fechar.

Iluminar e ocultar.

Alimentar e devorar.

Servir e dominar.

Morrer e levantar-se.

A LINGUAGEM ORIGINAL DO REINO É A CORRESPONDÊNCIA.

O Símbolo é a sua unidade viva.

Não é somente uma coisa que representa outra.

É uma Forma atravessável mediante a qual uma relação Invisível pode ser Reconhecida.

O SÍMBOLO É A PONTE DO VERBO PARA A FORMA.

Mas o vestido não contém todo o Verbo.

Se a Forma se proclama significado completo, o Símbolo se fecha e nasce o ídolo.

Não existem duas ordens de origem.

Existe um movimento de manifestação e um movimento de Recordação.

A Ordem da manifestação desce desde o Interior para o Exterior:

VERBO → INTENÇÃO → SÍMBOLO → FORMA → SERVIÇO → FRUTO.

O Verbo é anterior.

A Intenção orienta.

O Símbolo estende a ponte e porta a Correspondência.

A Forma lhe entrega corpo visível.

O Serviço manifesta a sua direção.

O fruto dá testemunho.

Nada exterior originou aquilo Interior que encarna. A coroa de metal não criou a autoridade. O trono exterior não criou o governo. O dinheiro não criou a riqueza. O templo não criou a Presença.

São Formas posteriores ao Verbo e só podem servir fielmente enquanto permanecem abertas ao Símbolo que as antecede.

Como as Formas já estão diante dos nossos olhos, a Recordação pode começar contemplando-as e atravessá-las em direção à sua Origem:

FORMA CONTEMPLADA → SÍMBOLO ATRAVESSADO → CORRESPONDÊNCIA INTERIOR → VERBO RECORDADO → FORMA RESTITUÍDA.

Este regresso não converte a Forma em princípio. Contempla-a como pegada.

A Matriz falsifica precisamente esta diferença. Ensina uma causalidade invertida:

FORMA → SÍMBOLO → VERBO.

Afirma que a Forma exterior produz, contém e concede aquilo que na realidade a antecede.

Depois oculta o Símbolo para que ninguém possa atravessá-lo e administra a Forma como única porta de acesso ao Reino.

Assim faz adorar a superfície.

Quem adora o dinheiro já não vê a riqueza Interior que o dinheiro sequestrou.

Quem adora o governo exterior já não Recorda a autoridade, a soberania e o governo Interior que entregou.

Quem adora a coroa de poucos já não atravessa o seu Símbolo até a Coroação de todos no EU SOU.

Quem adora o templo já não se Reconhece como Morada.

Agir Fora sem Recordar a Ordem do Verbo reproduz a inversão sob um Nome novo.

Recordar Dentro sem devolver uma Forma fiel deixa a Revelação sem carne.

A Matriz não necessita destruir os Símbolos.

Basta-lhe impedir que sejam atravessados.

Deposita completamente Fora aquilo que devia abrir também uma

Correspondência Interior.

A Besta se converte unicamente em outro inimigo.

O Trono, unicamente em um assento exterior.

A guerra, unicamente em exércitos.

A morte, unicamente no final do corpo.

A Ressurreição, unicamente em um acontecimento futuro.

A Insurreição, unicamente em levantamento contra outros.

A Revolução, unicamente em substituição de governantes.

Assim o personagem pode denunciar Fora aquilo que continua alimentando Dentro.

Mas existe uma inversão contrária: declarar que tudo é unicamente interior.

Então a guerra exterior se volta simples metáfora enquanto os corpos continuam sendo feridos. A opressão se reduz a um pensamento. A vítima é obrigada a buscar dentro de si a causa do dano que outro segue produzindo.

Isso também fecha o Símbolo.

A ponte necessita de ambas as margens.

A Forma exterior é real.

A Correspondência Interior também.

A Insurreição começa quando a Consciência se põe em pé e deixa de obedecer ao personagem que ocupava o Trono.

Morre a identificação que dizia:

«Sou unicamente este nome, este medo, esta ferida e esta história».

Essa morte não danifica a carne.

Destitui a usurpação.

A Revolução começa depois.

É o giro mediante o qual pensamento, vontade, relação e Forma voltam a girar ao redor do Centro verdadeiro.

INSURREIÇÃO: A CONSCIÊNCIA SE LEVANTA E DESTITUI O FALSO CENTRO.

REVOLUÇÃO: AS FORMAS VOLTAM À ÓRBITA DA VIDA.

Uma não se completa sem a outra.

Sem Insurreição, o mesmo ego governará a Forma nova.

Sem Revolução, a Consciência terá Recordado enquanto as relações continuam submetidas.

A palavra literal informa.

O Símbolo atravessa.

A Correspondência Reúne.

A Recordação reconhece.

A Encarnação responde.

Esta é a Língua Original do Reino.

A Verdade, a Luz e a Janela

A janela permite ou impede a passagem; nunca foi a Fonte da Luz.

A Verdade não nasce de nós.

É anterior ao personagem, às suas crenças, às suas interpretações e a toda palavra mediante a qual tenta Nomeá-la.

A Verdade procede do Verbo.

A Verdade é a Correspondência com a Origem.

A Luz é a Verdade Revelando-se: aquilo que torna visível o que estava presente mas permanecia oculto.

A Luz não cria a Verdade. Permite vê-la.

A Verdade não começa quando a compreendemos. A nossa compreensão começa quando algo dela pode ser Reconhecido.

A Verdade é Una porque a sua Origem é Una. Não é uma para cada personagem. É a mesma para todos e para todas as coisas que existem, embora nenhuma perspetiva particular possa contê-la inteira.

O que nasce do personagem é a sua perspetiva, a sua compreensão e a sua

palavra acerca dela.

Quando o personagem chama «minha verdade» àquilo que nasce do seu condicionamento e o proclama Fonte, não criou outra Verdade: elevou a sua perspetiva ao lugar da Origem e converteu-a em mentira.

Contempla uma mesma Luz atravessando janelas diferentes.

Cada janela possui posição, tamanho, cor, transparência e limites próprios. Por isso a manifestação visível da Luz não é idêntica em todas.

O personagem é a janela.

O seu corpo, memória, linguagem, conhecimento, medo, desejo e ferida participam na cor do cristal.

A singularidade não é um erro. Permite que a Luz receba uma manifestação irrepetível.

A inversão começa quando a janela afirma:

«Esta é a minha Luz».

«Fora de mim não existe Luz».

«A minha Forma contém toda a Verdade».

Nenhuma Forma finita contém por completo a Verdade. Isto não torna relativa a Verdade.

Distingue a permanência da Luz da limitação da janela.

O que é verdadeiramente Revelado como Verdade não se transforma depois em mentira.

Pode corrigir-se uma expressão humana. Pode abrir-se uma compreensão mais profunda. Pode mudar o Símbolo com o qual tentamos comunicá-la.

Mas a Verdade não se converte no seu contrário.

A Presença limpa o cristal.

O Discernimento separa o contemplado daquilo que o personagem acrescentou.

A obra abre a janela.

O fruto revela quanto passo encontrou a Luz.

Não digas:

«A Verdade pertence-me».

Reconhece:

«EU EXISTO DENTRO DE UMA VERDADE QUE ME PRECEDE E RESPONDO PELA FORMA QUE LHE ENTREGO».

A Mentira e a Sombra

A Sombra não possui uma Origem própria: aparece onde uma Forma interrompe a passagem da Luz.

A escuridão não produz a Luz.

Tampouco se origina a si mesma.

A Luz É.

A Sombra ocorre quando uma Forma impede que a Luz continue o seu percurso.

Durante o dia, o corpo projeta sombra porque se interpõe entre o Sol e aquilo que fica para trás.

A sombra não procede de outro sol escuro.

Sem Luz não haveria sombra.

Sem uma Forma que obstruísse a sua passagem, tampouco.

Assim ocorre em nós.

O Verbo é a Origem comunicando-se.

A Verdade é a sua Luz.

A Consciência é o Altar onde pode ser Reconhecida.

A nossa Forma é a janela mediante a qual pode tornar-se Palavra, decisão e obra.

Quando o personagem se coloca entre a Origem e o Serviço, aparece a Sombra.

O medo cobre o vidro.

A ferida altera a interpretação.

O desejo seleciona aquilo que quer ver.

O orgulho baixa a persiana e depois afirma que não existe Luz.

A Sombra não é a nossa essência.

É o efeito daquilo que fazemos quando impedimos a passagem.

A mentira sim nasce de nós quando o personagem e o seu ego obstruem, desviam ou se apropriam da Luz que deviam deixar passar. É posterior à Verdade e posterior ao Ser que a recebe. Não procede de uma origem escura nem de outra verdade: procede da Forma que interrompe a Correspondência e depois apresenta a sua própria sombra como realidade.

A mentira aparece quando essa Sombra ocupa mediante a palavra o lugar da Verdade.

A Sombra é a obstrução.

A mentira é a obstrução proclamando-se Luz.

A mentira não cria.

Imita.

O domínio imita a Ordem.

O luxo imita a abundância.

A propaganda imita o testemunho.

A marca imita o Selo.

A falsa humildade imita o Cordeiro.

A cidade que compra a Vida imita a Morada que a entrega.

A Sombra toma inteligência, palavra, imaginação, desejo, organização e força — capacidades nascidas da Vida — e muda o destino do seu Serviço.

Quando uma obstrução se torna relato, costume, prêmio, castigo, instituição e condição de pertencimento, a Sombra adquire arquitetura.

Assim aparece a Matriz do Esquecimento.

Não pode criar Consciência.

Pode mantê-la identificada com o personagem.

Não pode originar o poder criador.

Pode reduzi-lo a obedecer, comprar, competir e reproduzir as Formas aprendidas.

Não pode destruir o EU SOU.

Pode cobri-lo com nomes, bandos, medos e dívidas até que deixe de ser Lembrado.

Por isso não vencemos a Sombra fabricando outra escuridão.

A Presença revela a obstrução.

A Verdade a Nomeia.

A vontade retira aquilo que impedia a passagem.

A obra repara o fruto.

Não convertas a Sombra em identidade eterna.

Contemplada com Verdade, assinala o lugar onde a janela deve abrir-se.

A LUZ É.

A SOMBRA OCORRE.

A VERDADE PERMANECE.

A MENTIRA TERMINA QUANDO JÁ NÃO PODE OCULTAR A FORMA QUE A PRODUZ.

A Responsabilidade do Um com o Todo

A Unidade não apaga a diferença; impede que ela se torne separação absoluta.

Dizer «todos somos Um» não basta.

Se essa afirmação permite ignorar a experiência particular do outro, o personagem se apropriou da Unidade.

Não compartilhamos idênticos pensamentos, memórias, corpos nem histórias.

Compartilhamos a Origem que tornou possível toda experiência e a Vida que nenhuma Forma produziu por si só.

A Unidade precisa da diferença.

Sem diferença não existiriam encontro, escuta, relação nem fruto singular.

A diferença precisa da Unidade.

Sem ela pode tornar-se indiferença, hierarquia ou domínio.

Quando a Consciência deixa de estar contraída ao redor do personagem, a dor do outro já não pode ser descartada como realidade completamente alheia.

Isso não significa apropriar-se da sua voz.

Significa permitir que a sua Vida ferida entre no campo da nossa responsabilidade.

A consciência separada pergunta:

«O que isso tem a ver comigo?».

A Consciência do Um com o Todo pergunta:

«O que está ocorrendo entre nós e que capacidade posso entregar?».

A Unidade não te concede direito sobre o outro.

Retira-te a desculpa para ignorá-lo.